

**"Favela modelo de quê?": o processo de "reencantamento" da Santa Marta  
através do mercado de turismo<sup>1</sup>**

Gabriel Barbosa<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo visa compreender o processo de “reencantamento” da favela Santa Marta com o recente crescimento do mercado turístico, levado à frente por atores locais, abrindo algumas possibilidades para se discutir o atual contexto de mobilização nas favelas cariocas. Ao mesmo, diversos processos de reforma urbana e de políticas públicas tem transformado inúmeros assentamentos urbanos da cidade do Rio de Janeiro e sua Região Metropolitana, há uma mobilização por uma nova representação social construída sobre esses lugares, historicamente identificados como um espaço da violência urbana ligada ao tráfico de drogas. Assim, a luta pela pertinência e legitimidade de contar a história da Favela Santa Marta representa uma tentativa de “reencantar” o lugar onde esses guias turísticos locais nasceram e foram criados.

**Palavras-chave:** Favela; Santa Marta; turismo; reforma urbana; mobilização social.

### **A Favela Santa Marta**

Situada no Morro Dona Marta, no bairro de Botafogo. Ocupando um vale que separa a Enseada de Botafogo e a Lagoa Rodrigo de Freitas, este bairro constituiu-se como uma das áreas mais nobres da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Ele é cortado por duas ruas principais que se dispõem uma em paralelo à outra: a Voluntários da Pátria e a São Clemente. Esta última é o principal acesso à favela, na altura da Praça Corumbá.

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido sob orientação do Prof. Marco Antonio da Silva Mello no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal Fluminense, bem como no âmbito das pesquisas do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/IFCS-UFRJ)

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, e pesquisador vinculado ao Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/IFCS-UFRJ)

Avizinham-se à favela terrenos e prédios públicos e privados. O Palácio da Cidade, que foi sede da prefeitura de 1961 até 1982, quando foi inaugurada a atual sede municipal no bairro Cidade Nova. Antes da inauguração de Brasília, e conseqüente transferência das unidades diplomáticas para a nova capital, funcionava neste edifício a Embaixada da Grã-Bretanha. Outro terreno que fica a menos de 100 metros da Santa Marta, também na Rua São Clemente, é o do Colégio Santo Inácio, instituição religiosa de ensino ligada aos Jesuítas<sup>3</sup>.

As primeiras casas da Favela Santa Marta começam a aparecer no fim da década de 20 em terreno que pertencia, à época, aos padres jesuítas do Colégio Santa Inácio. Escondidas entre as árvores da mata pertencente hoje em dia ao Parque Nacional da Tijuca, os barracos de madeira começam a ser construídos principalmente por trabalhadores de obras de extensão do Colégio. Sua população observa grande aumento nas décadas seguintes, acompanhando o intenso crescimento imobiliário da Zona Sul da cidade. Muitas favelas desta área também passam por importante *boom* demográfico, sobretudo por oferecerem uma mão-de-obra barata para a construção civil, mercado que encontrava-se em ascensão. No recenseamento de 1950, a Santa Marta já contava com 1632 habitantes<sup>4</sup>.

Do ponto de vista da infraestrutura de mobilidade urbana, a Santa Marta ocupa um lugar privilegiado se considerarmos o que o bairro de Botafogo oferece neste sentido. Há muitas linhas de ônibus que fazem o percurso até o centro da cidade em aproximadamente 20 minutos. A estação de metrô Botafogo fica a 5 minutos de caminhada. Os bairros limítrofes são Copacabana, Laranjeiras, Lagoa Rodrigo de Freitas, também considerados bairros nobres da Zona Sul carioca.

A Favela Santa Marta, de certa forma, pode ser considerada de pequeno porte, se fizermos uma comparação demográfica com outras favelas da Zona Sul. O último censo

---

<sup>3</sup> Ver a respeito em “PEPPE, Atílio Machado. ‘Associativismo e política na favela Santa Marta (RJ)’ Dissertação (mestrado). Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo. 1992”. Este estudo talvez seja o mais completo sobre a Favela Santa Marta, pois procura dar conta de um longo período de tempo de pesquisa de campo de quem fez parte do trabalho dos padres jesuítas (cont.) na favela. Peppe descreve de forma bem detalhada como se deu o processo de surgimento, consolidação e desmobilização do associativismo local, sempre sob forte influência dos padres jesuítas.

<sup>4</sup> Ver “CUNHA, Neiva Vieira da; MELLO, Marco Antonio da Silva. “Novos conflitos na cidade: A UPP e o processo de urbanização na favela.” DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. 4:3, 371-401. 2011”

demográfico de 2010<sup>5</sup> contabilizou 3.908 habitantes, com 1.176 domicílios distribuídos em aproximadamente 53 km<sup>2</sup>. Como já dissemos anteriormente, a Santa Marta é limitada em ambos os lados por terrenos particulares e públicos. No limite com o Palácio da Cidade, foi construído um muro em 2009 para separar os dois terrenos, fato que causou polêmica, pois a favela não apresenta crescimento demográfico se observarmos a evolução populacional em censos demográficos anteriores. Embora nela habitem não mais que 4 mil pessoas, segundo os dados oficiais, a Santa Marta possui 62 logradouros públicos reconhecidos pelo decreto lei 32.398 de 2010, entre ruas, becos e vielas, mesmo que só algumas delas na parte baixa do morro sejam carroçáveis.

No que tange aos equipamentos públicos a favela conta com poucos serviços. O de maior destaque é o Plano Inclinado do Santa Marta, chamado de “bondinho”, e foi inaugurado em 29 de maio de 2008. A sua construção acarretou em algumas remoções de moradores que habitavam no trajeto de seus trilhos. Eles foram removidos para casas construídas pelo governo estadual, não muito longe de onde moravam antes. Essas remoções obtiveram alguma resistência à época, mas segundo o presidente da Associação de Moradores do Santa Marta, a construção desse sistema de transporte significou o desenvolvimento de um instrumento de utilidade pública para os moradores da favela.

O bondinho estende-se por toda a lateral leste do morro por aproximadamente 340 metros, da região da Escadaria até o Pico do morro, onde ficam o Campinho, a sede da UPP, e a parte que contém as casas mais precárias do morro. O trajeto é dividido em 5 estações (com transferência entre a 3ª e a 4ª), e a utilização do transporte é gratuita. Ele funciona com o trabalho de 12 funcionários da própria favela de 6h até às 23.30h. O bondinho foi construído - e é administrado - pela EMOP (Empresa de Obras do Estado do Rio de Janeiro). Atualmente, há a pretensão de se transferir sua administração para a Rio Luz, que é submetida à Secretaria Municipal de Conservação.

O sistema construído da Favela Santa Marta está compreendido, desta forma, entre o terreno do Palácio da Cidade, do seu lado esquerdo; os trilhos do Plano Inclinado, pela direita;

---

<sup>5</sup> O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é responsável pelo recenseamento demográfico decenal, inclusive nas áreas classificadas pelo órgão de “Aglomerados Subnormais”, o que é sintomático da postura da administração pública em relação a esses lugares da cidade. A classificação usada pelo IBGE só faz reproduzir a oposição quase estrutural entre “favela e asfalto”.

abaixo pela Rua Marechal Francisco de Moura e Rua Jupira, na altura do Largo do Cantão e da Escadaria; e na sua parte mais alta, a localidade chamada Pico. O Largo do Cantão e a Escadaria são os principais acessos à favela, e representam a área limítrofe entre o “asfalto” e a favela. Esses dois pontos ficam no final da Rua Jupira e Rua Marechal Francisco de Moura, respectivamente. Nestes pontos é possível observar um intenso movimento de passantes, e é onde situam-se grande número de estabelecimentos comerciais, como bares, mercearias, salões de beleza, farmácia, etc.

Neste sistema construído há uma estratificação que organiza a distribuição espacial da favela. A parte mais baixa concentra as construções maiores e mais valorizadas, com maior densidade demográfica. Os becos e ruas desta área são mais fechadas e escuras, com as edificações obscurecendo a luz do dia, sendo possível perceber o ar mais úmido. Nesta parte ainda a recorrência de casos de tuberculose é a maior da favela, segundo a médica da Clínica da Família Santa Marta, em razão das condições insalubres para os moradores do local.

A favela Santa Marta ganhou projeção internacional no acontecimento chamado de “a batalha do Morro Dona Marta”. Em 1987, o chefe da quadrilha que controlava a venda de drogas na localidade morre, e passa o comando de suas atividades a seu filho, conhecido como Perereca. Entretanto, considerado despreparado para assumir o cargo, acaba sendo assassinado, e instaura-se um conflito para o comando do comércio ilegal de drogas na favela. A divisão entre os dois grupos se dá especialmente. O “braço-direito” de Perereca, Zaca - um ex-policia militar que já tinha sido expulso da corporação - assume o controle das “bocas-de-fumo” da parte alta da favela. A parte baixa passa a ser dominada por Cabeludo.

A “batalha” propriamente dita têm início em uma briga banal entre integrantes dos dois grupos rivais. O resultado trágico de tal briga, o assassinato de dois integrantes da quadrilha de Cabeludo, deflagrara um conflito armado violento que se estenderia durante os 7 dias subsequentes, com consequências nefastas para a população local. O que interessa ressaltar deste evento em particular foi a grande cobertura midiática, estampando as capas dos principais jornais impressos do país além de outros veículos de comunicação internacional. A “batalha do Morro Dona Marta” notabilizou esse lugar sobretudo no que se refere à construção da metáfora da “guerra” ligada ao tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro.

A imprensa contribuiu, desta maneira, para a construção de representações sociais sobre as favelas como um lugar apartado da cidade, devendo ser extirpado de seu tecido, abrindo espaço para o progresso. Neste sentido, a favela se torna uma espécie de “bode expiatório”, servindo para absorver acusações por parte da sociedade dos problemas que atingiam a cidade como um todo. A partir do final da década de 70, início de 80, a violência passa a dominar as capas dos jornais de grande circulação da cidade do Rio, e nelas as favelas aparecem como o reduto dos criminosos que devem ser caçados a qualquer custo. Segundo Mauro Amoroso, em um artigo sobre dois casos que obtiveram extensa cobertura midiática na década de 50 e 60, “há uma tendência à construção homogeneizadora de representações sobre as favelas e seu habitante, focada na precariedade moral e incapacidade de autonomia social”<sup>6</sup>. (AMOROSO, p. 207).

Outro acontecimento deu notoriedade à favela Santa Marta no cenário nacional e internacional. O cantor americano Michael Jackson gravou o *videoclipe* da música “*They don’t care about us*”, dirigido pelo cineasta Spike Lee em 1996 sob os olhares da mídia, que também acompanhou o caso de perto. As suspeitas de que os produtores do *videoclipe* negociaram os detalhes da gravação diretamente com o chefe do tráfico de drogas da favela, o Marcinho VP, instauraram uma grande polêmica. Sob críticas do governador Marcello Alencar de que queria atrair atenção e de querer ser “o rei da miséria”, Michael Jackson foi desafiado a fazer doações aos favelados. As autoridades acusaram a Sony, gravadora do artista, de explorar comercialmente a pobreza, e que o clipe estaria reforçando o estereótipo da favela como lugar da pobreza e violência. A resposta de Spike Lee foi direta: “O que eles acham? Que a pobreza no Brasil é segredo?”<sup>7</sup>

A projeção alcançada pela favela Santa Marta nos meios da imprensa contribuíram para a construção de um *status* que a destaca em relação a outros assentamentos urbanos. Ela passa a ser considerada uma “favela modelo”, e torna-se objeto de alguns empreendimentos, governamentais e privados, que buscam utilizar-se desta “marca”. Sua localização, tamanho,

---

<sup>6</sup> Ver AMOROSO, Mauro. “Duas faces da mesma fotografia: atraso *versus* progresso na cobertura fotojornalística de favelas do *Correio da Manhã*”. In: MELLO, Marco Antonio da Silva; MACHADO DA SILVA, Luis Antonio; FREIRE, Letícia de Luna; SIMÕES, Soraya Silveira; “*Favelas Cariocas: ontem e hoje*”. Garamond. 2012.

<sup>7</sup> Ver FREIRE-MEDEIROS, Bianca. “Gringo na Laje: produção, circulação e consumo da favela turística”. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2009.

características físicas, eventos emblemáticos: todos esses fatores acabam contribuindo para a construção dessa representação social sobre a favela Santa Marta.

Em dezembro de 2008, uma operação policial deu início ao ainda desconhecido projeto de segurança pública que se estenderia para outras favelas da cidade nos próximos anos. Mesmo que outros exemplos semelhantes possam ser destacados<sup>8</sup>, a instalação da primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) daria início a algumas transformações na Santa Marta, e sua consolidação como política pública resultou em grande parte do apoio que angariou de setores da elite carioca, bem como de parte majoritária da imprensa.

As primeiras ações do poder público direcionaram-se para a regularização de alguns serviços informais, principalmente os chamados “gatos” e “gato-nets”, respectivamente os serviços de energia elétrica e TV a cabo, práticas informais que eram controladas pelo tráfico de drogas local. A Light<sup>9</sup> regularizou o fornecimento de energia elétrica em meados de 2009, e o abastecimento de água também passa a ser formalizado pela CEDAE<sup>10</sup>. Algumas obras de urbanização do Programa de Aceleração do Crescimento já aconteciam antes da UPP ser instalada e somam-se àquele processo de reforma urbana em curso na favela.

Imediatamente, os jornais destacavam com destaque a valorização dos imóveis do entorno da Favela Santa Marta logo após a instalação da UPP. No bairro de Botafogo, por exemplo, corretores avaliavam um crescimento de 25% a 30% na procura por apartamentos<sup>11</sup>. Os efeitos da UPP começam a ser exaltados pelo mercado imobiliário de forma geral, chamando a atenção de instituições governamentais de outros países, como por exemplo o *Federal Reserve Bank of New York*<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> Ao longo dos últimos 30 anos, algumas políticas da área da segurança pública se destacaram, como o Grupamento de Policiamento em Áreas Especiais (GPAE) e Destacamento de Policiamento Ostensivo (DPO), ambos instalados em favelas marcadas pela criminalidade violenta ligada ao tráfico de drogas.

<sup>9</sup> Concessionária de energia elétrica responsável pelo serviço na cidade do Rio de Janeiro e outras regiões do estado.

<sup>10</sup> Companhia Estadual de Águas e Esgoto. Atualmente, há muitas críticas no que se refere à qualidade desses serviços oferecidos aos moradores, além de casos de cobranças com valores abusivos, em que muitas vezes o serviço é inexistente, como o valor sobre iluminação pública. A CEDAE por exemplo cobra pelo de esgoto sanitário, quando na verdade praticamente toda a favela não conta com este serviço básico.

<sup>11</sup> Cf. "Ação no Dona Marta aquece mercado imobiliário". O Globo. p. 17. 21/12/2008.

<sup>12</sup> Ver “FRISCHTAK, Claudio; MANDEL, Benjamin R. Mandel. *Crime, House Prices, and Inequality: The Effect of UPPs in Rio*”. Federal Reserve Bank of New York - Staff Reports, 2012. (disponível em: [http://www.newyorkfed.org/research/staff\\_reports/sr542.pdf](http://www.newyorkfed.org/research/staff_reports/sr542.pdf))”

A repercussão foi imediata e as matérias jornalísticas que se seguiram tratavam do clima se “segurança” que passava a reinar na favela. Muitas autoridades internacionais visitam a favela logo após a implantação da UPP, como o senador americano John McCain, o embaixador americano no Brasil e o cônsul-geral dos EUA, curiosos para conhecer a “inovadora” política de segurança pública. A favela também passa a receber celebridades do mundo artístico, como o ator Hugh Jackman, as cantoras Beyoncé, Madonna e Alicia Keys.

O cenário em que se inserem as UPPs é muito mais amplo. Os chamados megaeventos esportivos tem trazido para a Arena Pública<sup>13</sup> diversos conflitos urbanos, sinalizando para a transformação da cidade em uma mercadoria no cenário internacional e administrada como uma empresa (FREIRE, 2012). O Rio de Janeiro, entre os anos de 2007 e 2016, sediou e sediará: os jogos Pan-Americanos (2007); Jogos Mundiais Militares (2011); Copa do Mundo de Futebol (2014) e os Jogos Olímpicos de Verão (2016).

Em campanha desde o ano de 2003, a Confederação Brasileira de Futebol consegue que a candidatura brasileira fosse a única no continente americano a concorrer pela eleição para receber a Copa do Mundo de 2014. Já em 2007, algumas inspeções foram feitas pela FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) nos estádios que concorreriam para sediar o evento, mas foi atestado que nenhum deles teria condições para tal. Após uma grande mobilização política, com promessas de que fossem construídos novos estádios, o país passou a ser o favorito na disputa. Em 30 de outubro de 2007, a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de Futebol foi formalizada pela FIFA.

Em 2009, no dia 2 de outubro, na 121ª Sessão do Comitê Olímpico Internacional, que aconteceu em Copenhague, Dinamarca, o Rio de Janeiro foi eleito para sediar a XXXI Olimpíada de Verão. O evento contou com a presença do Presidente da República, Governador do Estado do Rio e Prefeito da Cidade. Além de outras autoridades do governo e personalidades do esporte, a Capitã Pricilla Azevedo<sup>14</sup> também esteve presente, representando a segurança pública. Antes mesmo de um ano comandando a UPP do Santa Marta, a oficial já havia se tornado um símbolo desta política pública, sinalizando a importante relação entre o

---

<sup>13</sup> Cf. CEFAI, D.; MELLO, M. A. da S.; MOTA, F. R.; VEIGA, F. B. (orgs.). Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa. Niterói: EdUFF, 2011. p.67-102.

<sup>14</sup> Comandante da UPP Santa Marta por dois anos, a atual Major Azevedo comanda atualmente a UPP Rocinha, após ter sido coordenadora da Superintendência de Planejamento Operacional da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro.

programa das UPPs e os megaeventos que ocorrerão na cidade.

Não era a primeira vez que a policial participava de evento semelhante. Antes mesmo da formalização do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016, a Capitã já havia participado de uma sabatina com o Comitê Olímpico Internacional, reunido na cidade, que buscava subsídios para avaliar a candidatura do Rio, e respondeu a algumas perguntas do âmbito da segurança pública, sobretudo em relação ao cotidiano do “policiamento comunitário” do Santa Marta.

A favela Santa Marta, nesse sentido, se transformou em um símbolo importante do que as autoridades públicas planejavam para “adequar” a cidade às exigências do COI e da FIFA. A noção de “cinturão de segurança”, colocada pelo secretário de segurança para explicar as escolhas dos lugares para instalação das UPPs merece ser destacado<sup>15</sup>. Ao contrário do que possa parecer, a estratégia de “pacificação” das favelas da cidade, segundo consta das declarações públicas dessas autoridades, relaciona-se diretamente com os lugares que sediarão os eventos esportivos e possuem infraestrutura de acolhimento ao turismo, como é o caso da Zona Sul da cidade<sup>16</sup>. O estádio do Maracanã (onde acontecerá o jogo final da Copa do Mundo), por exemplo, teve o seu “cinturão de segurança” fechado com a instalação da UPP Mangueira, em novembro de 2011

### **O turismo na Favela**

A visibilidade alcançada pela Favela Santa Marta foi rapidamente incorporada pela administração pública. Dois anos após a instalação da UPP, em outubro de 2010, foi lançado Programa Rio Top Tour, uma política pública de incentivo ao turismo na favela, desenvolvido pelo Ministério do Turismo, em parceria com o governo do Estado do Rio de Janeiro. O evento de lançamento do Programa foi realizado na quadra da Escola de Samba da favela

---

<sup>15</sup> <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/upp-no-complexo-da-mangueira-fecha-cinturao-de-seguranca-em-torno-do-maracana> acessado em 22/04/2014.

<sup>16</sup> O caso das UPPs da Cidade de Deus e Jardim Batan, na Zona Oeste do Rio, são exceção à regra. A primeira conta com um apelo simbólico, principalmente pelo alcance que o filme “Cidade de Deus” ganhou internacionalmente. A segunda é o único exemplo de domínio prévio de um grupo miliciano, onde dois repórteres do Jornal O Dia foram torturados em maio de 2008 pelo grupo que comandava o local.

Santa Marta e contou com a presença do então presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, além de ministros e secretários de Estado, o prefeito, entre outras autoridades públicas.

O projeto Rio Top Tour consiste em numa iniciativa de criar condições de acolhimento aos turistas na favela. Foram concedidas linhas de crédito especiais para que os comerciantes locais pudessem renovar seus estabelecimentos, tendo o SEBRAE<sup>17</sup> papel determinante neste empreendimento. Obras e melhorias foram feitas nos principais pontos turísticos, como por exemplo no Espaço Michael Jackson<sup>18</sup>; foram também instalados guarda-corpos em locais de risco ao turista; uma sinalização especial com informações de interesse ao turista também foi instalada. Estava ainda previsto no Programa o investimento na capacitação de guias locais, geralmente moradores da favela que já atuavam como guias informais.

Foi instalado um pequeno quiosque do Programa Rio Top Tour na Praça Corumbá, na entrada da favela, onde os estagiários do curso Técnico de Turismo da Rede Estadual de Ensino ficam recepcionando os turistas, de 8h às 17h.. No início do Programa, esses estagiários tinham a função de guiar gratuitamente os turistas durante a visita e contribuir com a formação dos guias locais que, além de assistirem às aulas do curso de formação oferecidas no Colégio Estadual Prado Junior, no bairro da Tijuca, realizavam o estágio prático sob a supervisão dos estagiários do Programa Rio Top Tour.

Juntamente com lideranças e entidades locais – como a Associação de Moradores e o Grupo Eco - o Programa Rio Top Tour mapeou 34 pontos de interesse turístico na favela. Como falaremos adiante, muitos deles são pontos de referência para o estrangeiro e podem orientá-lo sem que ele precise recorrer aos moradores para se localizar. Outros pontos foram destacados como símbolos importantes da vida local. Os 34 pontos poderiam ser divididos em 5 grupos, mesmo que alguns deles possam ser vistos como pertencentes a mais de um grupo.

O primeiro grupo contém os lugares que servem como ponto de referência espacial, como a Praça Corumbá, as estações do plano inclinado, o acesso pelo topo do morro via Rua

---

<sup>17</sup> O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) é uma entidade privada sem fins lucrativos. É um agente de capacitação e de promoção do desenvolvimento, criado para dar apoio aos pequenos negócios de todo o país. Para mais informações, ver <http://www.sebrae.com.br/> (acessado em 30/10/2014)

<sup>18</sup> Onde o *popstar* americano gravou videoclipe da música “*They don’t care about us*”. Nesta laje encontram-se uma estátua em bronze, de tamanho natural, de Michael Jackson bem como um mosaico do pintor Romero Britto em homenagem ao cantor.

Oswaldo Seabra, etc. O segundo grupo destaca-se por conter intervenções recentes do Estado, que dariam provas de uma mudança positiva nas condições de vida na favela. Neste grupo estariam o CETEP<sup>19</sup>, os prédios residenciais construídos pelo governo do estado, apelidados de Jambalaya<sup>20</sup>, os postos da UPP e o muro que divide o Santa Marta do Palácio da Cidade.

Um terceiro grupo contém lugares importantes na história local, e que remetem a um passado idílico da favela. São eles as duas minas de água e a Capela Santa Marta. Outros lugares possuem caráter parecido, e também fazem parte do que se poderia chamar de uma memória coletiva dos moradores, considerando-os como espaços de ação associativa ou de encontro para o lazer. A Associação de Moradores, a Quadra da escola de Samba Mocidade Unida do Santa Marta e o Campinho de Futebol do Pico são exemplos desse grupo.

O Espaço Michael Jackson, o mirante do Pedrão, a trilha para o Mirante Dona Marta, a Arena, fazem parte do quinto grupo de locais de interesse turístico, e que proporcionam ao turista uma bela vista da Zona Sul do Rio de Janeiro a partir da Santa Marta. Esses locais oferecem uma bela vista de outros muitos pontos turísticos da cidade, como o Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Lagoa Rodrigo de Freitas, etc. Como diz o *slogan* do Rio Top Tour, estes pontos oferecem a oportunidade de se ver “o Rio de Janeiro sob outro ponto de vista”.

Nesse contexto de “pacificação” e transformação das favelas em locais de interesse turístico, alguns moradores começaram a investir nas visitas guiadas pela favela. Após a formação no curso Técnico em Turismo, passaram a organizar individualmente *tours* que pudessem oferecer aos visitantes a experiência de conhecer o lugar a partir da perspectiva daqueles que nasceram e foram criados no espaço da favela. Apesar de se diferenciarem um pouco entre si, os *tours* têm como pontos de interesse alguns lugares considerados históricos na favela Santa Marta. O roteiro tem início na parte baixa da Favela, na entrada pela Praça Corumbá. O guia, durante o pequeno percurso (aproximadamente 100 metros) até a escadaria de acesso à Favela, faz observações sobre a distinção entre a constituição arquitetônica das casas do bairro de Botafogo e a Santa Marta – através de oposições estéticas entre ordem/desordem. Quando o grupo guiado chega neste ponto, que representa a fronteira entre

---

<sup>19</sup> Centro de Educação Técnica e Profissional, do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>20</sup> O nome Jambalaya foi dado em referência ao seriado da Rede Globo de Televisão “Toma lá, dá cá”, criado por Maria Carmem Barbosa e Miguel Falabella e exibido de 2007 a 2009, cuja história se passa em um condomínio chamado Jambalaya Ocean Drive.

estes dois sistemas construídos, se depara com a Santa Marta vista de baixo: sendo uma das favelas que ocupam um acidente de relevo mais inclinado (alguns pontos há inclinação de 45°), impressiona como foi possível a expansão horizontal das casas morro acima.

O roteiro continua através do bondinho que leva o grupo até a 5ª estação, na parte mais alta da Favela. Entretanto, quando o transporte não se encontra funcionando, é preciso que o grupo caminhe a pé pelas ruelas da Favela até seu cume. De uma maneira ou de outra, o destino é a sede da UPP e uma oportunidade para os guias locais contarem a história do processo de ocupação policial da favela e do passado de domínio do tráfico de drogas. Não é raro conseguir que algum policial da unidade fale algumas palavras sobre o “processo de pacificação”, a relação entre os moradores e a polícia, e alguns dados que provam que o caso da UPP na Favela Santa Marta é “um sucesso”<sup>21</sup> – segundo esse discurso.

Nesta parte mais alta da Favela também é apresentado o Campinho de Futebol do Pico, maior área de prática esportiva da Santa Marta. Atualmente encontra-se reformado com a instalação de gramado sintético, quando antes se jogava futebol sob piso de terra batida [não sei como traduzir isso]. Neste espaço acontecem algumas atividades esportivas comunitárias, como aulas de futebol para crianças e adolescentes, bem como projetos esportivos financiados pelo governo estadual<sup>22</sup>. Os guias, entretanto, narram neste lugar o evento que deu notoriedade nos anos 90 à Favela. Foi no Campinho do Pico que o cantor Michael Jackson pousou seu helicóptero para gravar o videoclipe na laje de uma casa na Santa Marta (como detalharemos mais adiante).

Depois da rápida apresentação do Campinho, volta-se para a estação 5 do bondinho, de onde se apresenta o Pico<sup>23</sup>. Essa parte do sistema construído da Favela é reconhecida como a mais antiga, onde começou a ocupação do morro nas décadas de 1930 e 1940, e os

---

<sup>21</sup> Desde a instalação da UPP Santa Marta, em 20 de dezembro de 2008, não há casos de homicídios na Favela (segundo dados oficiais), com exceção de um caso de morte que levantou suspeitas de suicídio, mas as investigações feitas pela polícia não levaram a uma explicação conclusiva.

<sup>22</sup> Desde 2012, acontece no Campinho um curso de formação de árbitros de futebol amador, levado a cabo pelo Capitão da UPP junto com outros policiais da Unidade (que são árbitros de futebol profissionais), e que se propõe a formar jovens da Favela para arbitram jogos amadores na cidade como complemento de renda.

<sup>23</sup> Mesmo que esta parte da Favela não ocupe a parte mais alta do morro (onde situa-se o Mirante Dona Marta), o Pico representa a o limite do sistema construído da Santa Marta, sendo a parte mais alta deste.

moradores dali são reconhecidos como uma espécie de pioneiros da ocupação. Isso justifica a fala de muitos moradores que explicam que a Favela “cresceu de cima para baixo”, ou seja, do Pico para o bairro de Botafogo: instalados entre as copas das árvores, esses moradores tentavam esconder-se do risco de serem removidos dali sob acusação de que estavam invadindo terra particular. Eles abasteciam-se em bicas de água no bairro de Laranjeiras ou em alguns pontos da mata entre o Pico e a Rua São Clemente e havia algumas trilhas para fazer esses caminhos. Atualmente, o Pico revive o risco de remoção pelo poder público pois argumenta-se que suas casas estejam em área de risco de deslizamento. Essa classificação coloca-o em uma situação de precariedade estrutural, pois se não se pode construir nesta área do morro, nenhuma intervenção pública de melhoramento das condições de vida dos moradores pode acontecer ali. Um dos dados que evidencia esse estado de precariedade é que o projeto “Coral Tudo de Cor Para Você”<sup>24</sup> não contempla essa parte, reafirmando uma separação física mas também simbólica, a “linha do apartheid” como nos denunciou um dos guias locais, morador do Pico.

Por essa situação vivida pelos moradores dali, surgiu uma mobilização contra a remoção das casas classificadas pelo governo municipal como situadas em áreas de risco. A Comissão de Moradores do Pico foi organizada para lutar pela permanência no local. Muitas faixas de protesto foram instaladas nas casas do Pico, e o turismo tem sido utilizado como forma de dar visibilidade ao movimento de resistência. Os turistas inevitavelmente se deparam com as faixas, que viram alvo dos cliques de suas máquinas fotográficas. Segundo o guia local que faz parte daquela Comissão de Moradores, isto significa a circulação das imagens sobre esta luta, dando visibilidade à resistência de seus moradores e contribuindo para a mobilização.

A partir dali, o guiamento percorre o caminho Favela abaixo. O próximo ponto de parada é a Laje do Michael Jackson, espaço construído em homenagem ao cantor, justamente

---

<sup>24</sup> Sobrepondo-se a uma iniciativa anteriormente idealizada pelos próprios moradores, o Favela Painting foi concebido e realizado pela dupla de artistas holandeses Haas & Hahn com patrocínio da empresa Coral Tintas, envolvendo em sua execução um grupo de moradores contratados e treinados pela empresa Tudo de Cor Santa Marta. Além deles há alguns mutirões de grupos de jovens estrangeiros, que se voluntariam para a empreitada e chegam à favela através de alguns guias turísticos locais. A ideia é futuramente expandir o projeto para todo o sistema construído da favela. Ver, a respeito: <http://www.favelapainting.com/santa-marta>

onde dançou para as lentes das câmeras de Spike Lee<sup>25</sup>. Neste local os turistas têm a oportunidade de se vislumbrarem com a vista proporcionada pela favela. Dali é possível ver o Pão de Açúcar, o mar de Copacabana, a Lagoa Rodrigo de Freitas, o Cristo Redentor, Ipanema, enfim, uma estonteante paisagem que neste caso pode ser colocada em um quadro marcado pela desigualdade social: a favela ao lado das belezas naturais.

Neste espaço encontra-se um pequeno quiosque de *souvenirs* gerenciado por uma guia de turismo formada pelo Rio Top Tour e seu marido. Lá se encontram camisetas, broches, canecas, toda espécie de quinquilharia com a temática da Favela. Quando se entra ali, por entre os objetos pendurados na porta e paredes, a vendedora logo nos mostra uma coleção de camisas estampadas com desenhos que remetem às casas da Favela e que foram pintados pelo seu filho.

Perto dali, a casa de uma moradora também se transformou em uma loja de objetos para o interesse de interesse do turista que deseja levar alguma memória materializada da visita. O tema “Michael Jackson” entretanto é bem mais presente ali, e a vendedora recebe seus clientes com “*They don’t care about us*” tocando em som altíssimo na televisão no fundo do cômodo. Como dito anteriormente, os guias locais procuram levar seus clientes a pontos históricos que suscitam uma memória coletiva da Santa Marta. As duas minas d’água, que não ficam muito distantes uma da outra, a “segunda mina” estando em local mais alto que a “primeira mina”. As minas, que ainda existem como fonte eventual de água, já representaram um ponto de encontro muito importante dos moradores da Favela. Nas primeiras décadas da formação da Santa Marta, a falta de fornecimento de água encanada era praticamente total<sup>26</sup>, e sob essas condições, as mulheres e as crianças ocupavam desde muito

---

<sup>25</sup> Houve uma polêmica entorno desta gravação, embora não seja contada pelos guias no *tour*, que repercutiu pelos jornais à época. As suspeitas de que os produtores do *videoclipe* negociaram os detalhes da gravação diretamente com o chefe do tráfico de drogas da favela, o Marcinho VP, instauraram uma grande polêmica. Sob críticas do governador Marcello Alencar de que queria atrair atenção e de querer ser “o rei da miséria”, Michael Jackson foi desafiado a fazer doações aos favelados. As autoridades acusaram a Sony, gravadora do artista, de explorar comercialmente a pobreza, e que o clipe estaria reforçando o estereótipo da favela como lugar da pobreza e violência. A resposta de Spike Lee foi direta: “O que eles acham? Que a pobreza no Brasil é segredo?”.

<sup>26</sup> Realidade que só se altera inicialmente a partir dos anos 50 e 60, mas sobretudo nos anos 80, com grandes trabalhos coletivos dos próprios moradores (chamados de mutirões), que constroem as primeiras redes de

cedo pela manhã essas fontes enchendo latões de metal para o abastecimento doméstico.

Após alguns minutos despendidos na explicação dos guias, o grupo segue morro abaixo até chegar no Largo do Cantão, que divide com a Escadaria o posto de lugar com maior fluxo de pessoas da Favela, e onde se encontra a maioria dos estabelecimentos do comércio local, como salão de beleza, pequeno mercado, bares<sup>27</sup>, loja de utensílios domésticos, farmácia, pequena agência do Banco Bradesco<sup>28</sup>, etc. Neste lugar, em que o *tour* tem seu fim, também fica a quadra da Escola de Samba Unidos do Santa Marta, que em dias de festa ocupa toda o Largo com seus frequentadores, que hoje em dia é composto por boa parte de visitantes dos bairros do entorno ou turistas, ansiosos em conhecer a vida noturna da Favela.

Com toda essa atenção despertada para o turismo na Favela Santa Marta, atores externos também passaram a se interessar pela nova fronteira aberta no mercado do “turismo alternativo” da cidade, forma como vem sendo definido esse tipo de turismo tanto pelos agentes públicos quanto privados. A *Jeep Tour*, agência de turismo que acabou se especializando em visitas às favelas e já tinha a *expertise* de ter atuado na Favela da Rocinha, passa a atuar também na favela Santa Marta. No entanto, sua forma de guiar os turistas, na sua grande maioria estrangeiros, é alvo de críticas por parte dos guias locais, que têm se mobilizado para obter o controle da exploração do turismo na favela.

Mesmo que alguns pontos visitados sejam os mesmos, o roteiro feito pelos guias da *Jeep Tour* difere do praticado pelos guias locais, sobretudo pela forma como a favela é apresentada ao turista e pelas histórias que se contam sobre ela. As diferenças se fazem notar desde o início da visita, que, nesse caso, é feito pela parte mais alta da favela. No acesso via Rua Osvaldo Seabra, que começa no bairro de Botafogo, os turistas trazidos pela empresa desembarcam dos característicos *jeeps* verdes, como aqueles usados nos safáris africanos. É comum que haja mais de dois carros deste tipo, de onde desembarcam cerca de 30 turistas por visita. Algumas vezes esse número pode superar a centena, segundo relatos de moradores.

---

abastecimento de água e energia elétrica. O serviço de esgotamento sanitário ainda permanece quase que totalmente ausente.

<sup>27</sup> É preciso destacar aqui que por todo o tecido de vielas e becos da Favela, esse estabelecimento é o que mais se encontra. Restrito a pequenas proporções, os bares da Santa Marta (também chamados de “birosca”) ocupam muitas das vezes uma parte da residência de seu dono. Alguns, além de bebidas alcoólicas, também vendem produtos de pequena necessidade.

<sup>28</sup> Contendo um caixa eletrônico, foi inaugurada em 2012.

Enquanto os turistas fazem o *tour*, os carros voltam para a Praça Corumbá, na entrada da favela, onde ficam esperando seus clientes finalizarem a visita.

O tipo de visita turística feito pela *Jeep Tour*, como foi dito, é alvo de muitas críticas, sobretudo por parte dos moradores e guias locais. Os guias daquela empresa são acusados de inventarem narrativas sobre a favela que não corresponderiam à realidade, folclorizando, de certa forma, a própria origem e constituição das favelas. Outro ponto questionado pelos seus críticos é a forma como muitos dos turistas guiados pela *Jeep Tour* se comportam durante a visita, fotografando os moradores e o interior das casas sem pedir licença ou autorização. Eles argumentam que, em alguns casos, há mesmo violação da privacidade dos moradores, que são sempre vistos como espécimes raras e exóticas. Segundo eles, a dimensão privada da vida cotidiana encontra-se, muitas vezes sob o risco de ser profanada pelas máquinas fotográficas dos turistas não familiarizados com os códigos e a gramática local, com sua sutil diferenciação entre espaço público e espaço privado. Argumentam, assim, que os ambientes domésticos e marcados pela intimidade ficam vulnerabilizados sob estas circunstâncias.

A questão econômica também é importante neste contexto. A *Jeep Tour* trabalha sobretudo com o argumento de estar movimentando a economia local ao levar um grande número de turistas para consumirem nos bares, restaurantes, assim como em toda a rede de comércio que se desenvolveu recentemente em função do turismo. Entretanto, em estudo feito sobre o comportamento e a impressão desses visitantes durante o *tour* na favela, a socióloga Bianca Freire-Medeiros constatou que 61,4% gastavam menos de R\$5,00 na favela, sendo que somente 36,6% dos turistas haviam gastado algum dinheiro na visita<sup>29</sup>, o que evidencia o descompasso entre a retórica da agência de turismo externa.

Outro aspecto que vale a pena destacar refere-se à estrutura de acolhimento aos turistas na favela. Não havia, há bem pouco tempo atrás, nenhum *hostel* ou qualquer outra forma de hospedagem na favela. Uma das justificativas dos atores locais é de que a favela Santa Marta não possui espaço para expansão imobiliária. Uma lei municipal decretada em 2011<sup>30</sup> proibiu qualquer construção de novas edificações nas Áreas de Especial Interesse

---

<sup>29</sup> Ver a respeito: FREIRE-MEDEIROS, Bianca; VILAROUCA, Márcio Grijó; MENEZES, Palloma Valle. “Gringos no Santa Marta: quem são, o que pensam e como avaliam a experiência turística na favela”. In: SANTOS, Angela; MARAFON, Gláucio; SANT’ANA, Maria. *Rio de Janeiro: um território em mutação*. Gramma. 2012.

<sup>30</sup> Decreto Municipal Nº 33.648, de 11/04/2011

Social, na qual a favela Santa Marta está incluída desde 2000<sup>31</sup>. Desta forma, os empreendedores que quisessem investir na construção de hospedagem para o acolhimento de turistas estariam impedidos de fazê-lo, a não ser que o fizessem de maneira ilegal.

Entretanto, a explicação baseada no impedimento legal para construção de novas edificações não se sustenta em outras favelas “pacificadas” da cidade. No caso, por exemplo, das favelas Chapéu Mangueira e Babilônia, duas favelas contíguas que situam-se no bairro do Leme, a menos de 3km da favela Santa Marta, é possível identificar um crescimento significativo nos empreendimentos que visam a acolher os turistas e os novos frequentadores desses lugares. Há aproximadamente 2 anos, as duas favelas possuíam 5 estabelecimentos com estas características; atualmente as duas favelas totalizam 17 *hostels* e pequenas pousadas gerenciados, na maioria dos casos, por estrangeiros que decidiram ficar morando na favela e investir no florescente mercado de turismo local e receber os novos visitantes (SISTERNAS, 2013).

### **O Comitê de Turismo do Santa Marta**

A intensificação do turismo na favela e sua exploração por atores externos teve como consequência a mobilização de alguns guias locais, que passaram a reivindicar a criação de regras para a exploração desse “mercado turístico”. Assim, um grupo de dez guias locais reuniram-se e criaram o Comitê de Turismo do Santa Marta, tornando a disputa por esse mercado em constante crescimento ainda mais intensa. De acordo com o grupo de moradores que teve a iniciativa de constituir o Comitê, não se trata de um movimento contrário ao turismo na favela. O objetivo do Comitê é organizar a atividade turística da favela sob “bases locais”, ou seja, garantir a participação dos moradores da favela na exploração do turismo local sob o argumento de que eles seriam os atores mais legítimos para apresentarem a favela aos turistas. Argumentam ainda que com o aumento de “estrangeiros” na favela desde que a atividade do turismo se intensificou, alguns problemas como o aliciamento de menores e o incômodo dos moradores ao que eles reconhecem como “invasão de privacidade” também se acentuaram. Busca-se, desse modo, através do Comitê, criar uma instituição local para mediar esses novos conflitos.

---

<sup>31</sup> Lei nº 3135, de 05/01/2000.

O que esse grupo pretende e reivindica é o controle da exploração do turismo na favela e, com isso, o controle sobre a história que se conta sobre ela, ou seja, sobre suas formas de representação. Sob a égide dessa “história oficial” da favela como construção narrativa dos próprios atores locais, únicos por eles reconhecidos como portadores dessa memória coletiva e capazes de reproduzi-la, o objetivo do Comitê seria o fortalecimento dos atores locais, considerados mais legítimos na competição com atores externos. Esses guias também criam discursos que pretendem preservar uma determinada representação da favela, caracterizando o que Clifford Geertz denominou de uma “política do significado” (1989).

Atualmente, alguns guias integrantes do Comitê já trabalharam em parceria com a *Jeep Tour*, evidenciando a complexidade processo de disputa em jogo na favela Santa Marta. O processo de “reencantamento” levado à frente por esses atores locais abre algumas possibilidades para se discutir o atual contexto de mobilização nas favelas cariocas. Ao mesmo tempo que os diversos processos de reforma urbana e de políticas públicas tem transformado inúmeros assentamentos urbanos da cidade do Rio de Janeiro e sua Região Metropolitana, há uma mobilização por uma nova representação social construída sobre esses lugares, historicamente identificados como um espaço da violência urbana ligada ao tráfico de drogas. Assim, a luta pela pertinência e legitimidade de contar a história da Favela Santa Marta representa uma tentativa de “reencantar” o lugar onde esses guias locais nasceram e foram criados.

### **Referências:**

AMOROSO, Mauro. “Duas faces da mesma fotografia: atraso *versus* progresso na cobertura fotojornalística de favelas do *Correio da Manhã*. In: MELLO, Marco Antonio da Silva; MACHADO DA SILVA, Luis Antonio; FREIRE, Letícia de Luna; SIMÕES, Soraya Silveira; **Favelas Cariocas: ontem e hoje**. Garamond. 2012.

ANTUNES, Eduardo M. Reflexões sobre a Batalha do morro Dona Marta. OAB. **Revista da Ordem dos Advogados do Brasil**. São Paulo. Nº 43/48. 1988. P. 15-23.

BARCELLOS, Caco. **Abusado: O dono do Morro Santa Marta**. Rio de Janeiro, Record. 2003

CEFAÏ, Daniel; MELLO, Marco Antonio da Silva; MOTA, Fábio Reis; VEIGA,

Felipe Berocan (orgs.) **Arenas Públicas: por uma etnografia da vida associativa**. Niterói: EdUFF, 2011. p.67-102.

COSTA, Giuliana. Sedar Megaeventos esportivos vale à pena?. in: **Revista O Social em Questão**, ano XVI, nº 29, 2013.

CUNHA, Neiva Vieira da; MELLO, Marco Antonio da Silva. Novos conflitos na cidade: A UPP e o processo de urbanização na favela. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. 4:3, 371-401. 2011.

CUNHA, Neiva Vieira da; MELLO. Marco Antonio da Silva. Dispositivos de Seguridad Pública e procesos de urbanización em *favelas* de Rio de Janeiro: nevos conflitos en el espacio urbano. *Quaderns-e (Institut Catalá d'Antropologia)*, v. 2, p. 30-45, 2013.

CUNHA, Neiva Vieira da. *Histórias de Favelas da Grande Tijuca*. Rio de Janeiro: IBASE: Agenda Social Rio, 2006. 71p.

FREIRE, Letícia de Luna. Mobilizações coletivas em contexto de megaeventos esportivos no Rio de Janeiro. **O Social em Questão**. Ano XVI, nº 29. 2013.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Gringo na Laje: produção, circulação e consumo da favela turística**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2009.

FRISCHTAK, Claudio; MANDEL, Benjamin R. Mandel. “*Crime, House Prices, and Inequality: The Effect of UPPs in Rio*”. Federal Reserve Bank of New York - Staff Reports, 2012. Disponível em: <[http://www.newyorkfed.org/research/staff\\_reports/sr542.pdf](http://www.newyorkfed.org/research/staff_reports/sr542.pdf)>.

MACHADO DA SILVA, Luis Antônio. “Afinal, qual é a das UPPs?” Disponível (online) em: <[www.observatíoriadasmetrololes.ufrj.br](http://www.observatíoriadasmetrololes.ufrj.br). 2010>.

MACHADO DA SILVA, Luis Antônio. Sociabilidade violenta: uma dificuldade a mais para a ação coletiva nas favelas. In: SILVA, Itamar (org). **A democracia vista de baixo**. IBASE. 2004.

MAFRA, Clara. Drogas e símbolos: redes de solidariedade em contextos de violência. In: ALVITO, Marcos; ZALUAR, Alba. **Um século de favelas**. FGV. 2001.

MELLO, Marco Antonio da Silva. Cidades: Commodities para consumo? **Jornal da UFRJ**, Ano 6, n°53, 2010, pp. 13-16.

MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno; SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio de Janeiro: IBAM, 1981.**

MISSE, Michel. “Os rearranjos de poder no Rio de Janeiro”. **Le Monde Diplomatique**. Julho de 2011. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=959>>.

\_\_\_\_\_. **O Rio como um bazar: a conversão da ilegalidade em mercadoria política**. Insight Inteligência. Rio de Janeiro. V. 3, n°5, 2002. p. 12-16.

\_\_\_\_\_. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Civitas. Porto Alegre. V. 8, n° 3, p. 371-385, 2008.

PEPPE, Atílio Machado. **Associativismo e política na favela Santa Marta (RJ)** Dissertação (mestrado). Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo. 1992.

ROCHA, Adair. **Cidade Cerzida: a costura da cidadania no morro Santa Marta**. Rio de Janeiro. Editora PUC-Rio:Pallas. 2012.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. “Movimentos urbanos no Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.

SIMÕES, Soraya Silveira. **Cruzada São Sebastião do Leblon: Uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro**. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia PPGA/UFF. 2008.

SISTERNAS, Joana. **Pacifier, urbaniser, résister: Une ethnographie de la favela Chapéu Mangueira à Rio de Janeiro**. Dissertação de mestrado defendida na EHESS. Paris, 2013.

SOARES GONÇALVES, Rafael. **Favelas do Rio de Janeiro: História e Direito**.

Revista Ensaios, Vol.7, julho-dezembro de 2014.  
ISSN 2175-0564

Pallas/PUC. Rio de Janeiro. 2013.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: Do mito de origem à favela.com.** Rio de Janeiro, Editora FGV. 2005.

VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria: Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos;

MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos.** Editora Vozes. Petrópolis. 2002.